



Banco de Portugal
EUROSYSTEM

Exercício de *stress test* Europeu: Principais resultados dos bancos portugueses

15 Julho 2011

Esta nota resume as principais características e resultados do exercício de *stress test* realizado ao nível da União Europeia conduzido pela Autoridade Bancária Europeia (EBA, em sigla inglesa), em cooperação com o Comité Europeu do Risco Sistémico (ESRB, em sigla inglesa) e as autoridades de supervisão nacionais. Este exercício, realizado à escala da União Europeia, tem como objetivo avaliar a resistência das instituições financeiras a uma evolução negativa dos mercados, bem como contribuir para a avaliação global do risco sistémico no sistema financeiro da UE.

Os *stress tests* foram realizadas usando metodologias consistentes, cenários e pressupostos desenvolvidos pela EBA em cooperação com o ESRB, o Banco Central Europeu (BCE) e a Comissão Europeia. Os pressupostos e a metodologia foram estabelecidos para avaliar a adequação de capital dos bancos face a um rácio de capital *Core Tier 1* de 5%. O cenário adverso foi definido pelo BCE e abrange um horizonte temporal de dois anos (2011-2012). O exercício foi realizado no pressuposto de balanço estático ao nível de dezembro de 2010. O exercício não toma em consideração as alterações de estratégia planeadas pelos bancos nem os seus atos de gestão e não corresponde à previsão de resultados dos bancos.

No caso português, o exercício foi realizado pelos quatro maiores grupos bancários, nomeadamente a Caixa Geral de Depósitos, o Banco Comercial Português, o Espírito Santo Financial Group e o Banco BPI, contemplando igualmente os respetivos fundos de pensões dos empregados bancários. Conjuntamente, estes grupos bancários representavam cerca de dois terços do total do ativo do sistema bancário português em 2010. Refira-se que o Banco Santander Totta, que representa cerca de 8.5 por cento do total do ativo do sistema bancário, não foi incluído. Esta instituição foi integrada no exercício de *stress test* realizado pelo Banco de Espanha enquanto filial do Banco Santander, uma vez que o exercício foi realizado tendo em consideração os grupos bancários ao nível mais elevado de consolidação. Deste modo, globalmente, cerca de 74 por cento do sistema bancário português foi coberto no exercício.

Após a conclusão do exercício de *stress test*, os resultados determinam que todos os bancos portugueses se situaram acima do limiar para o rácio de capital previsto para o propósito do exercício. No entanto, dois bancos irão desenvolver, em acordo com o Banco de Portugal, as medidas apropriadas para reforçarem os seus balanços no período de 3

meses imediatamente após a presente publicação. Estas ações poderão tomar a forma de aumentos de capital ou alienação de ativos.

Esta nota está organizada da seguinte forma. Em primeiro lugar apresentam-se brevemente os cenários macroeconómicos. De seguida apresentam-se as hipóteses metodológicas mais importantes para transmissão dos cenários aos resultados dos bancos. Finalmente, os principais resultados são apresentados, destacando-se os fatores comuns entre bancos.

Os cenários subjacentes ao exercício de *stress test*¹

O cenário de base assenta nas previsões do Outono 2010 da Comissão Europeia. O cenário prevê uma continuação da recuperação económica a decorrer na União Europeia, um aumento gradual das taxas de juros na área do euro e uma depreciação do dólar face ao euro. No entanto, embora se verifique uma recuperação da atividade económica ao nível agregado, o comportamento dos Estados-Membros é diferenciado entre países, com o fortalecimento da recuperação num ritmo relativamente rápido em alguns Estados-Membros e a um ritmo mais lento em outros Estados-Membros. Como tal, o cenário de base projeta para a economia portuguesa uma desaceleração em 2011, recuperando moderadamente em 2012 (Tabela 1). Refira-se que este cenário assente nas previsões de Outono de 2010, não incorporando o Programa de Ajuda Financeira e Económica que envolve o Fundo Monetário Internacional, a União Europeia e o BCE.

O cenário adverso foi desenvolvido pelo BCE e é semelhante aos desenvolvidos para os *stress tests* realizados em 2009 e 2010. O cenário incorpora um conjunto de choques comuns a todas as economias, bem como alguns choques idiossincráticos com o objetivo de capturar características estruturais de cada economia. O primeiro elemento chave do cenário é um agravamento da crise da dívida soberana na União Europeia (UE) a partir de início de 2011, afetando negativamente um conjunto de preços de ativos e tomando, em certa medida, as situações específicas de cada país.

No cenário adverso foram introduzidos vários choques em 2011. Em particular, foram introduzidos choques específicos a cada país sobre a *yield* dos títulos de dívida, os preços da habitação na maioria dos países da UE também foram sujeitos a choques exógenos permanentes e específicos a cada país, as taxas de curto prazo no mercado interbancário aumentam em 125 pontos base, e os preços das ações apresentam uma queda de 15%, em média, na área do euro.

O cenário adverso corresponde a uma combinação particularmente severa de choques para a economia portuguesa. Com efeito, este cenário implica um período de recessão profunda na medida em que a atividade económica deverá registar uma contração acumulada do PIB de 5.5 pontos percentuais nos dois anos subjacentes ao cenário. Adicionalmente, o desemprego também aumenta, atingindo cerca de 13 por cento da população ativa.

¹ Para mais informação sobre os cenários, metodologias e procedimentos do exercício Europeu de *stress test*, ver <http://www.eba.europa.eu/EU-wide-stress-testing/2011/The-EBA-publishes-details-of-its-stress-test-scena.aspx>.

O cenário adverso também incorpora uma diminuição dos preços no mercado imobiliário (quer residencial, quer não residencial) em ambos os anos. A calibração deste fator de risco foi específica a cada país. Apesar de a evidência disponível apontar para a ausência de uma sobrevalorização dos preços da habitação em Portugal, a redução nominal assumida no cenário adverso pode ser justificada pelas condições cíclicas muito negativas prevalentes neste cenário².

Como já foi mencionado, este cenário incorpora um choque sobre o *spread* de taxa de juro dos títulos de dívida pública, resultando numa subida acentuada das taxas de juro a 10 anos no horizonte de análise. Neste sentido, foi também considerado um aumento da taxa de desconto actuarial dos fundos de pensões dos empregados bancários de 75 p.b. no horizonte temporal em análise.

O choque sobre o *spread* de taxa de juro dos títulos de dívida pública tem efeitos sobre o balanço dos bancos por três vias: (i) através da aplicação de *haircuts* ao valor dos títulos de dívida pública classificados na carteira de *trading*, (ii) através do aumento de provisões associado ao aumento de probabilidades de incumprimento, implícitas nas classes de *rating* de cada país, e de perdas dado o incumprimento das restantes exposições a dívida soberana e (iii) através do aumento do custo de financiamento.

Quadro 1 – Cenários macroeconómicos

Cenário de base	Portugal	
	2011	2012
PIB a preços constantes (taxa de variação anual, em percentagem)	-1.0	0.8
Desemprego (em percentagem da população activa, valores em fim de período)	11.1	11.2
Taxa de juro de curto prazo (Euribor a 3 meses, valores de fim de período)	1.5	1.8
Taxas de juro de longo prazo (OTs a 10 anos, valores de fim de período)	6.9	7.1
Preços de imóveis não residenciais (tvh em percentagem, valores de fim de período)	0.0	0.0
Preços de imóveis residenciais (tvh em percentagem, valores de fim de período)	0.0	0.0
Taxa de desconto actuarial (variação em p.p. face ao valor do ano anterior)	0.0	0.0
Cenário adverso	2011	2012
PIB a preços constantes (taxa de variação anual, em percentagem)	-3.0	-2.6
Desemprego (em percentagem da população activa, valores em fim de período)	11.6	12.9
Taxa de juro de curto prazo (Euribor a 3 meses, valores de fim de período)	2.8	3.1
Taxas de juro de longo prazo (OTs a 10 anos, valores de fim de período)	9.4	9.6
Preços de imóveis não residenciais (tvh em percentagem, valores de fim de período)	-10.0	-16.9
Preços de imóveis residenciais (tvh em percentagem, valores de fim de período)	-2.9	-8.4
Taxa de desconto actuarial (variação em p.p. face ao valor do ano anterior)	0.5	0.25

Nota: tvh - taxa de variação homóloga.

² Ver "Caixa 6.1: Preços de Habitação em Portugal e Fundamentos Macroeconómicos: Evidência de Regressão de Quantis ", Relatório de Estabilidade Financeira 2005, Banco de Portugal.

Principais hipóteses metodológicas e de procedimento

O exercício de *stress test* assumiu um conjunto adicional de hipóteses:

- Balanço estático

O exercício restringiu totalmente alterações no balanço e respetiva estrutura. Desta forma, os bancos não podem reagir aos choques implícitos ao cenário. Em particular, o exercício não impõe o processo de desalavancagem que os bancos portugueses estão a realizar;

- Aumento do custo de financiamento

O *spread* de crédito dos bancos aumenta, em linha com o aumento do *spread* de taxa de juro dos títulos de dívida pública, o que tem fortes impactos no custo de financiamento dos bancos. Esta hipótese foi assumida por todos os bancos no exercício, pese embora os bancos portugueses não tenham atualmente acesso ao mercado internacional de dívida por grosso a médio e longo prazo;

- Limitações à passagem do aumento do custo de financiamento às operações de crédito com clientes

O aumento do *spread* no financiamento dos bancos só pode ser transmitido parcialmente, no máximo metade, às renovações de crédito junto de clientes;

- Choques sobre a carteira de negociação

A carteira de negociação foi sujeita a choques sobre as taxas de juro, preços de ações, taxas de câmbio, preços das mercadorias, etc. Também foram aplicados *haircuts* aos títulos de dívida pública classificados nesta carteira (os *haircuts* foram agravados no decorrer do exercício);

- Aumento de imparidades nas exposições a dívida soberana

Embora os cenários não explicitem a possibilidade de incumprimento de um estado soberano da UE, a EBA definiu instruções para o registo de provisões sobre a dívida soberana, na sequência do aumento na probabilidade de incumprimento implícita na classe de *rating* de cada país. Esta instrução foi introduzida na fase final do exercício, no sentido de refletir as tensões que se vinham a verificar no mercado.

A resiliência dos bancos é avaliada tomando como referência o capital de melhor qualidade dos bancos (Core Tier 1). O *benchmark* de capital foi fixado em 5% dos ativos ponderados pelo risco.

Os resultados dos bancos foram examinados e questionados pelo supervisor de cada país e dentro de um processo de garantia de qualidade que inclui a revisão dos resultados face aos dos seus pares. Este processo foi realizado pela EBA e por uma equipa de especialistas das autoridades nacionais de supervisão, do BCE e do ESRB. Esse processo resultou em três rondas de submissão de resultados antes da aprovação final dos mesmos.

Principais resultados e conclusões do exercício de *stress test*

O gráfico 1 apresenta os rácios de capital de Core Tier 1 em 2010 e em 2012 no cenário adverso, para cada banco. A análise do gráfico permite concluir que, no cenário adverso, a solvabilidade dos grupos bancários participantes no exercício se reduziria significativamente. No entanto, todos os grupos bancários portugueses revelam capacidade para absorver a combinação particularmente gravosa de choques económicos e financeiros contemplados no cenário adverso. De facto, embora de forma diferenciada, todos os bancos continuam a apresentar rácios de capital Core Tier 1 superiores a 5 por cento em 2012 no cenário adverso³.

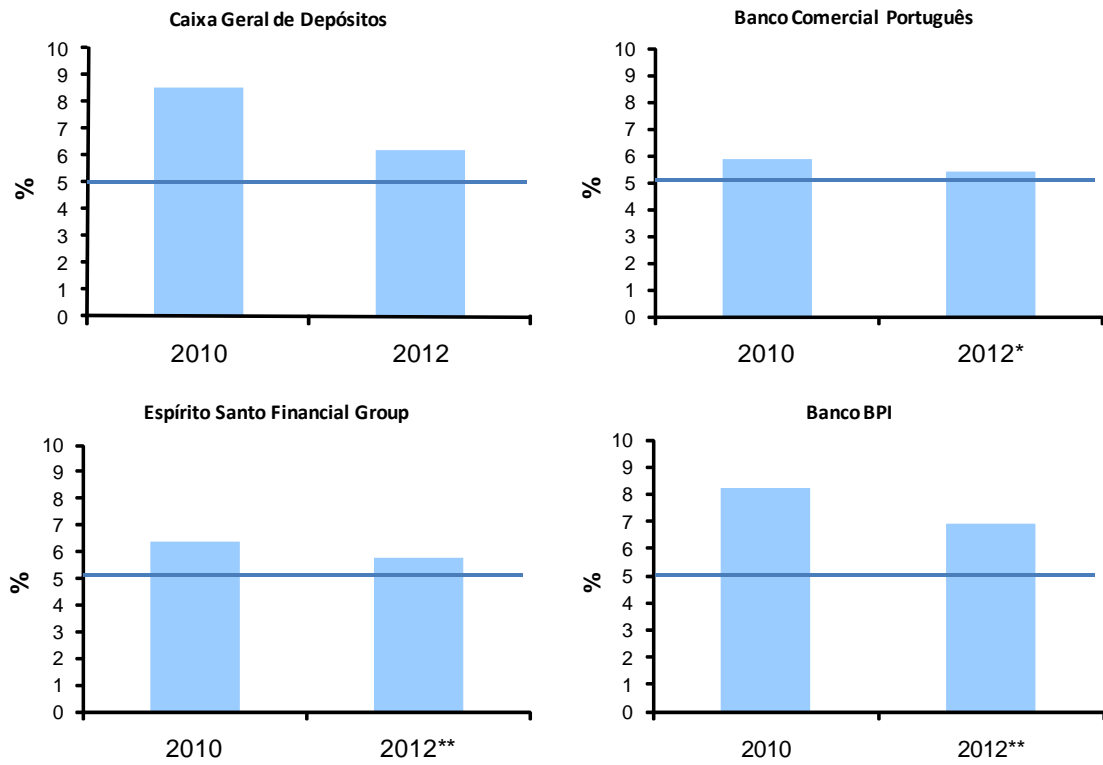
A deterioração dos níveis de solvabilidade em 2012, face aos valores de 2010, pode ser atribuída ao impacto dos fatores de risco mais importantes do exercício. Em primeiro lugar, no que diz respeito ao risco de crédito, as perdas de imparidade líquidas associadas à carteira de empréstimos aumentam significativamente devido, *inter alia*, à permanência de taxas de juro em níveis elevados, em conjugação com uma redução acentuada do PIB e um aumento da taxa de desemprego. Esta situação tem um impacto direto na rentabilidade e solvabilidade, que é heterogéneo entre os bancos devido às diferenças no valor inicial da carteira de empréstimos e respetiva composição.

O impacto na demonstração de resultados dos bancos portugueses decorrentes da desvalorização dos títulos de dívida pública no mercado é reduzida, uma vez que a maioria da dívida soberana se encontra registada no *banking book*. A aplicação de *haircuts* de magnitude similar à considerada no *trading book* às exposições soberanas no *banking book* apenas teria impacto sobre os fundos próprios na situação em que, através da venda da carteira, se verificasse a realização da totalidade das menos valias latentes. No entanto, como referido anteriormente, o exercício já incorpora choques nas probabilidades de incumprimento das exposições soberanas. Adicionalmente, o aumento no custo de financiamento, decorrente da subida dos *spreads* da dívida soberana, e a limitação à transmissão do aumento do custo às operações de crédito de clientes, constitui um elemento de pressão no sentido descendente sobre a margem financeira. Finalmente, refira-se que a EBA definiu o valor observado em 2010 como limite superior para a margem financeira.

Em termos gerais, os resultados obtidos confirmam que todos os bancos portugueses incluídos no exercício - e que representam uma proporção muito significativa dos ativos do sistema - resistem a uma materialização severa dos riscos a nível global e nacional. No entanto, os dois bancos que apresentam o rácio Core Tier 1 em 2012 no cenário adverso entre 5 e 6%, nomeadamente o Banco Comercial Português e o Espírito Santo Financial Group, irão desenvolver, em acordo com o Banco de Portugal, as medidas apropriadas para reforçarem os seus balanços no período de 3 meses imediatamente após a presente publicação. Estas ações poderão tomar a forma de aumentos de capital ou alienação de ativos.

³ Os rácios de capital incorporam o efeito de medidas anunciadas, contratualizadas e executadas até 30 de Abril de 2011.

Gráfico 1 – Rácios de capital Core Tier I



* Inclui o impacto de uma emissão de capital anunciada, e com tomada firme, entre 31 de Dezembro de 2010 e 30 de Abril de 2011.

** Incorpora o impacto de medidas anunciadas, contratualizadas e executadas até 30 de abril de 2011.